



1

O encaminhamento

A Luísa ligou para o consultório privado e marcou uma sessão de terapia familiar, depois da indicação da psicóloga que a seguia.

Toda a informação aqui presente foi recolhida na primeira consulta.

O vosso trabalho constitui na preparação da(s) próxima(s) consulta(s)

Família Gomes

- Pai: Carlos (75)
- Mãe: Isabel (68)
- Filha: Luísa (38)

Sistémico-Relacional

2

SITUAÇÃO ATUAL

A Isabel tem 68 anos e reformou-se há 1 ano. Trabalhou como técnica no Instituto Nacional de Estatística desde os 20 anos e estava desejosa por esta nova fase de reforma, em que finalmente teria tempo para descansar. O Carlos tem 75 anos e foi professor de história na universidade, estando também reformado, mas continuando a escrever os seus artigos e a fazer as suas pesquisas de arquivo.

A Luísa tem 38 anos e trabalha como designer. Saiu de casa dos pais há 10 anos e foi viver sozinha num apartamento que comprou na altura em que recebeu um dinheiro da herança da avó paterna, de quem era muito próxima.

O prédio onde vive entrou em obras na fachada, estando previsto que decorressem durante apenas 1 mês e a Luísa pediu para passar esse tempo em casa dos pais, uma vez que faz teletrabalho e seria muito difícil trabalhar em tais condições. Os pais disseram logo que sim. No entanto, as obras atrasaram-se e está quase há meio ano a viver em casa dos pais, sem previsão de saída nos próximos meses.



3

O PEDIDO

O pedido centra-se na convivência difícil entre a Luísa, a Isabel e o Carlos desde o regresso da filha a casa dos pais há meio ano. A Luísa está a dormir no seu quarto de infância e adolescência, onde também tem a sua secretária com o computador, e de onde trabalha remotamente.

As discussões são constantes, principalmente, entre a Isabel e a Luísa.

Isabel: "discutimos sobre a comida, sobre as horas, sobre a arrumação, sobre a limpeza, sobre as compras, sobre "o gato e o piriquito". E é sempre a mesma sequência - eu vejo uma coisa fora do sítio, eu aviso-a, ela ignora, eu volto a dizer mas num tom já acima, ela bate a porta do quarto e eu fico em chamas"

Terapeuta (dirigindo-se para o pai): E como age o Carlos nessas situações?

Luísa responde no lugar do pai: "o meu pai refugia-se no seu *bunker* sempre que a conversa aquece" (referindo-se ao escritório onde ele passa a maior parte do seu tempo e onde tem um divã no qual dorme há quase 10 anos).



4

O PEDIDO

A Luísa diz que se sente um estorvo e que os pais a tratam como se ela fosse uma criança ou uma adolescente: “Os meus pais acham que eu sou uma teen. Querem saber a que horas almoço e janto, quando eu nem sempre tenho previsão de horários por causa das reuniões online, querem que eu diga a que horas vou chegar quando saio com as minhas amiga...enfim... parece que regrediram”.

Isabel: “Sabe doutora, eu já não me preocupava com cozinhar porque eu e o meu marido já só comíamos uma sopinha ou íamos buscar comida take-away ali ao restaurante da esquina, mas agora é um chatice porque tenho de cozinhar e a Luísa tem gostos muito esquisitos... Aquelas coisas vegetarianas e aqueles molhos picantes”

Luísa: “Mas tu é que fazes questão de cozinhar. Eu nunca te pedi e já te disse que eu própria faço a minha comida e posso, inclusivamente, cozinhar para vocês. Sempre vos disse para manterem a vossa rotina”.

Isabel: “Mas eu sou mãe...não posso ver ali a minha filha e não fazer nada!”

Carlos olha para a terapeuta e encolhe os ombros.



5

OBSERVAÇÃO DO COMPORTAMENTO NÃO VERBAL

O Carlos fica enfiado na poltrona, falando apenas quando solicitado e é muito parco nas palavras. Diz que nem sequer percebe porque está ali, dizendo que vem arrastado para um assunto que não lhe diz respeito. Dizendo que são coisas “entre elas, coisas de mulheres...”

A Isabel revira os olhos cada vez que o Carlos diz que não tem nada a acrescentar ou desvaloriza a gravidade da situação. E o Carlos ri-se às gargalhadas quando a mulher e a filha estão a relatar episódios emocionalmente intensos e quando as discussões começam a escalar.

A Luísa diz que se sente “armadilhada”, ficando com lágrimas nos olhos: “faça o que eu fizer, estou sempre mal. Se cozinhar, queixam-se que a comida cheira mal. Se a minha mãe se oferece para cozinhar e eu aceito, depois queixa-se que eu a estou a sobrecarregar.”

Quando a vê neste estado de vulnerabilidade, a Isabel começa falar de forma mais infantil: “minha pequenina, tu sabes que a mãe gosta muito de ti”

Quando a terapeuta faz perguntas circulares, Isabel olha primeiro para Carlos como se esperasse que ele respondesse, mas ele desvia o olhar.



6

A FAMÍLIA DE ORIGEM PATERNA

Carlos morava com a mãe, o pai e uma irmã mais nova.

A mãe era dona de casa e a irmã, sempre foi muito ligada a ela, acompanhando-a nas tarefas e fazendo-lhe companhia. Esta irmã ainda reside na casa dos pais, nunca tendo, saído, casado ou tido filhos.

Durante a infância e adolescência de Carlos, o pai passava a maior parte do tempo fora de casa: “trabalhava muito”, dizia-se. Mas, apesar de nunca se falar sobre isso, todos sabiam que o pai tinha uma segunda relação não-oficial na aldeia vizinha, da qual tinha resultado dois filhos homens.

Muito sozinho, Carlos refugiou-se nos estudos, área em que brilhava. Saiu de casa com 15 anos para ir para o liceu na vila mais próxima e depois para a Coimbra para a faculdade.

Após a morte dos pais, os quatro filhos estão em conflito judicial para decisão da herança. No entanto, Carlos apoia a irmã financeiramente.



7

A FAMÍLIA DE ORIGEM MATERNA

Isabel cresceu numa aldeia pequena com dois irmãos mais novos: o João, 3 anos mais novo, e o mais sensível às mudanças (com a emergência de diversos sintomas físicos ao longo da vida), e a Marta, 5 anos mais nova, ainda criança quando a mãe adoeceu subitamente e morreu poucos meses depois.

O pai, pouco expressivo, refugiou-se no trabalho, e Isabel, aos 14 anos, passou a organizar as refeições, levar os irmãos à escola e manter a casa funcional.

Com o tempo, acostumou-se a assumir todas as responsabilidades da família. Mesmo depois de ter ido para a cidade trabalhar e mandar algum dinheiro de volta para casa, era ela quem voltava para resolver pequenos problemas, antecipava necessidades dos irmãos e interrompia seus planos para “dar apoio”.



8

ISABEL E CARLOS – OS PRIMEIROS ANOS

A Isabel e o Carlos conheceram-se numa festa, onde ficaram sentados lado a lado por acaso. Ele encantou-se com a forma cuidadosa como Isabel escutava os outros; ela admirou a calma dele. Alguns anos depois, nasceu a Luísa, no que foi descrito como a melhor fase da vida deles.

Quando o pai de Isabel adoeceu, ela voltou durante quase um ano à aldeia, levando a pequena Luísa consigo. Carlos ficou na cidade por causa do trabalho. Nesse período, Isabel tomou assumiu o papel central de cuidadora da Luísa, com Carlos fazendo visitas de fim de semana quando podia e intervindo pouco na educação da filha.

Ao regressarem, a Luísa recorria quase sempre à mãe e criticava o pai por “não estar” ou “nunca saber de nada”, comentários que Carlos ouvia em silêncio. Isabel tentava suavizar as críticas, justificando o marido “o teu pai fazia o melhor que podia”, o que muitas vezes criava um conflito entre Luísa e Isabel.

